

A verdade histórica, poética e transcendente do jornalismo de Kapuscinski

Por Christa Berger

Quase coincidiu a chegada ao Brasil do último livro do jornalista polonês Ryszard Kapuscinski e a sua morte. *Minhas viagens com Heródoto* foi publicado ao final de 2006 e no dia 22 de janeiro de 2007 sua morte era noticiada. Foi seu último livro, o que conta o começo de tudo. O mais premiado jornalista polonês, o autor de 21 livros, o homem que optou por viver entre os pobres, o narrador que se deixava tomar pelo acontecimento para encontrar a forma de narrá-lo oferece uma última lição sobre o exercício da profissão de jornalista, sobre as relações entre história e jornalismo, sobre as tantas possibilidades de contar e encantar com palavras.

Ao ser indicado para uma viagem à Índia, em um período em que atravessar a fronteira da Polônia era um privilégio e um desafio, recebeu de presente da redatora-chefe um livro. “Ao término daquela conversa, durante a qual fui informado de que partiria para o mundo, a senhora Tarlowska foi até um armário, tirou de lá um livro e, entregando-o a mim, disse: um presente meu para a sua viagem. Era um livro grosso, cuja capa

dura estava coberta por um pano amarelado. Nela, em letras douradas, pude ler o nome do autor e o título: Heródoto. História”.

A partir daí recebemos, ao mesmo tempo, fragmentos do texto do Heródoto, informações apuradas com rigor sobre o processo de edição do livro na Polônia, as impressões de Kapuscinski ao chegar à Índia, passando por Roma onde recebe a ajuda de um colega para comprar roupas adequadas a um viajante, e o modo como enfrentou os obstáculos da língua.

“Junto da porta do gigantesco quadrimotor da *Air India International*, uma aeromoça vestida com um sári pastel cumprimentava os passageiros... Voávamos de noite... Senti que não conseguiria pregar o olho, então enfiei a mão na mala à procura do livro que recebera de presente de Irena Tarlowska. História é um tijolo com centenas de páginas. Livros assim são tão apetitosos quanto um convite a uma mesa farta. Comecei pelo prefácio, no qual o tradutor Seweryn Hammer descreve as andanças de Heródoto e nos apresenta o sentido de sua obra... Hammer tenta familiarizar o leitor

com uma pessoa que viveu há 2.500 anos, sobre a qual, a bem da verdade, sabe-se muito pouco...”

O livro demorou muito para circular na Polônia controlada por Stalin. E mesmo um estudante de História, como Kapuscinski, não lembra de menções ao autor.

“Mas censurar Heródoto? Seu livro não fora escrito havia mais de 2.500 anos? Sim, mas assim mesmo era melhor não correr riscos. Sim, porque, naqueles dias, nossas mentes, nossas formas de ver as coisas e ler eram tomadas por uma obsessão pelas alusões. Cada palavra estava associada a algo, tinha duplo sentido, um fundo falso, uma crítica oculta; em cada uma delas havia alguma coisa codificada e habilmente encoberta. Nada era o que parecia ser. Por trás de cada gesto ou palavra, emergia um sinal alusivo, uma piscadela cúmplice.... E eis que um desses seres obsessivos, infectado pela idéia fixa de alusões, pega o livro de Heródoto. Quantas associações ele contém”.

Por isso, o livro que foi traduzido e entregue para a editora em 1940, só foi enviado para impressão em 1951 e chegou às livrarias em 1955.

Em 2004, ao fazer o balanço de suas viagens, Kapuscinski entrelaça a rede de livros, idiomas, países, influências que explicam seu percurso de catador de histórias.

Além de *Minhas viagens com Heródoto*, a Companhia das Letras traduziu mais três livros do autor, *Ébano*, sobre o continente africano, *O Imperador*, um perfil do rei da Etiópia, Haile Selassié, e *Imperium*, sobre a extinta URSS. Em língua espanhola a editora Anagrama já publicou a quase totalidade de seus 21 livros e ele foi escolhido para escrever o primeiro título do projeto conjunto da Fundação para um Novo Jornalismo

Ibero-americano (FNPI, fundada por Gabriel Garcia Márquez) e o Fundo de Cultura Econômica do México, para ser distribuído gratuitamente nas faculdades de comunicação da América que fala espanhol. O livro de Kapuscinski se chama *Los cinco sentidos del periodista* e parte das oficinas que ele realizou em Buenos Aires, Bogotá e Cidade do México discutindo o que é da vocação do jornalista: testemunhar, ouvir, ver, compartilhar e pensar.

Ele escreveu regularmente nos últimos anos para jornais como *New York Times*, *Times* e *Frankfurter Allgemeine Zeitung* e viajou dando conferências para falar de jornalismo e contra a globalização. É dele a expressão “os cínicos não servem para este ofício”. Perguntado, em um evento na Itália, sobre o que isto quer dizer, ele respondeu: “Nossa profissão não pode ser exercida por ninguém que seja um cínico. É necessário diferenciar: uma coisa é ser cético, realista, prudente. Isto é absolutamente necessário, de outro modo não se pode fazer jornalismo. Algo muito distinto é ser cínico, uma atitude incompatível com a profissão. O cinismo é uma atitude inumana, que nos distancia do nosso ofício, ao menos se o concebemos de uma forma séria e não da forma detestável que com frequência encontramos”.

Nascido em Pinks (Polônia) em 1932, Kapuscinski começou escrevendo poesia para uma revista literária. Ele conta que assim que terminou o colégio começou a trabalhar como jornalista. “Desde o primeiro momento descobri o fascinante que é esta profissão. Acabávamos de sair da Segunda Guerra Mundial, a Europa estava destruída, muitos refugiados vagavam de um país a outro, entre a pobreza e as ruínas. Pode parecer patético, mas foi então que se desenvolveu

“Nossa profissão não pode ser exercida por ninguém que seja um cínico (...) O cinismo é uma atitude inumana, que nos distancia do nosso ofício, ao menos se o concebemos de uma forma séria e não da forma detestável que com frequência encontramos”

em mim a paixão por escrever sobre nossa pobre existência humana. Também estava interessado em conhecer o mundo, mas estávamos no período comunista e nos era proibido viajar ao exterior. Depois veio um período de tranqüilidade nas relações internacionais e com a morte de Stalin pouco a pouco fomos podendo viajar para fora de nosso país. Minha primeira viagem foi para a Índia, Paquistão e Afeganistão como jornalista da agência polonesa de informação. Desde então até hoje, tenho dividido meu tempo entre escrever sobre meu país e escrever sobre outros países”.

Em 1958 foi cobrir a posse do primeiro presidente eleito de Ghana e um ano depois foi para a África como correspondente. “Eu era responsável pela informação de 50 países, testemunhei 27 revoluções e estava consciente de que vivia um momento histórico único, a libertação da África”. É disto que trata o livro *Ébano* – das guerras, das revoluções e dos golpes de Estado no continente africano, e, de como é sobreviver neste “inferno úmido”. O livro inicia contando o impacto da chegada para quem vem do norte – da luz, da claridade, do cheiro e de como as pessoas encaixam nesta luz e cheiro.

Sua história e suas primeiras incursões na profissão talvez expliquem seu desinteresse pelos “brancos, ocidentais, ricos e poderosos da terra”. No livro *Lapidarium*, onde estão recolhidos seus apontamentos pessoais, aforismos, reflexões, aquilo que não encontrou lugar nas reportagens, “os resíduos carentes de valor no trabalho”, o autor escreveu: “O tema da minha vida são os pobres. É isto que eu entendo por Terceiro Mundo. O Terceiro Mundo não é um termo geográfico (Ásia, África, América Latina)

“O tema da minha vida são os pobres. É isto que eu entendo por Terceiro Mundo. O Terceiro Mundo não é um termo geográfico”

– “porque tentar conhecer outras civilizações com uma visita de três dias ou uma semana não serve para nada” – e, “porque quando comecei a escrever sobre estes países, onde a maioria da população vive na pobreza, me dei conta de que aquele era o tema ao qual queria me dedicar”. Escrevia, também, diz ele, por razões éticas: “sobretudo porque os pobres costumam ser silenciosos. A pobreza não chora, a pobreza não tem voz, a pobreza sofre, mas em silêncio. A pobreza não se rebela”.

E para Kapuscinski, nem a pobreza nem a opressão pertencem à ordem natural das coisas. Por isso, o jornalismo é importante e vital para a vida em sociedade, pois nele a palavra tem poder elucidador, esclarecedor e transformador.

Ele é formado em História pela Universidade de Varsóvia e valoriza esta formação como fundamental para sua trajetória profissional. “... ser historiador é meu trabalho. Quando eu estava terminando a faculdade de história tinha que escolher entre continuar meus estudos históricos para ser professor, um acadêmico, ou estudar a história no momento mesmo de seu desenvolvimento, o que se faz no jornalismo. Escolhi o segundo caminho. Todo jornalista é um historiador. O que fazemos é investigar, explorar, descrever a história em seu desenrolar. Ter conhecimento e intuição de historiador é uma qualidade fundamental para qualquer jornalista. O bom e o mau jornalismo se diferenciam facilmente: no bom jornalismo, além da descrição de um acontecimento temos também a explicação do porque ele aconteceu assim; no mau jornalismo encontramos a descrição sem nenhuma conexão ou referências ao contexto”.

A capacidade de observação e o talento para a escuta são qualidades indispensáveis a todo jornalista e, quando ele conta sua experiência de correspondente na África, enumera também os “deveres”. “Deve ser capaz de testemunhar todos os acontecimentos de relevância que se produzem em um território de trinta milhões de quilômetros quadrados, deve saber o que está ocorrendo ao mesmo tempo nos 50 países do continente, o que aconteceu ali antes e o que pode acontecer no futuro... também deve ser um homem de boa resistência física e psíquica... tampouco pode ser correspondente aquele que tem medo da mosca tsé-tsé, da cobra negra, de beber água no rio, de comer pastel de formigas assadas, aquele que estremece só de pensar nas amebas e doenças venéreas, de que poderá ser roubado, aquele que economiza cada dólar para construir uma casa quando voltar a seu país, que não sabe dormir em uma casa de barro africano e que despreza as pessoas sobre quem escreve”.

A escolha de suas fontes e o tratamento que ele dispensa a elas é uma questão decisiva em sua postura de jornalista e presente em sua obra. Acima de todas as competências necessárias para o exercício da profissão, Kapuscinski considera a habilidade para se aproximar das pessoas. “E é assim por uma razão muito simples: porque nosso trabalho de campo é um trabalho com pessoas. E estas percebem se somos arrogantes, que não estamos verdadeiramente interessados em seus problemas, se descubram que só queremos umas fotos delas, as pessoas reagem imediatamente de forma negativa. E sem a ajuda dos outros não se pode escrever uma reportagem. Não se pode escrever uma história. Toda reportagem fala de gente”.

“Nosso trabalho de campo é um trabalho com pessoas (...) E sem a ajuda dos outros não se pode escrever uma reportagem. Não se pode escrever uma história. Toda reportagem fala de gente”

O seu método de trabalho é “desaparecer no meio das pessoas, ser confundido em todas as partes como alguém do lugar”. Seus livros contam de sua capacidade de mimetizar-se, de renunciar aos benefícios da visibilidade em favor das vantagens do anonimato. “Viajei muitíssimo e com todos os meios de transporte disponíveis. Se tivessem me reconhecido como estrangeiro é possível que as pessoas me dirigissem a palavra, mas não teriam tido a mesma liberdade para fazer comentários e observações sinceras”. E ele evita as fontes oficiais, as vozes dos palácios, as versões encomendadas, privilegiando os contatos diretos, as conversas informais, as gentes do povo.

O Imperador e *O Sha* são documentos históricos sobre os dois últimos imperadores da era moderna, Hailé Selassié da Etiópia e Reza Pahlevi do Irã e, ao mesmo tempo, uma fábula sobre o poder totalitário. Para escrever *O Imperador* ele dispensou a história oficial e reuniu informações ouvindo empregados, parentes e opositores para formar um mosaico de vozes subalternas, silenciadas, de quem olha o poder de baixo para cima, soterrado de respeito, admiração e temor. “Ao anoitecer, eu ouvia os homens que conheceram de perto a corte do imperador. Tempos atrás, haviam sido empregados do palácio ou tiveram acesso a ele. Poucos sobraram.... Eu os visitava somente após o anoitecer e precisava trocar de carro várias vezes e me disfarçar”. Estas fontes que ele conquistou através de muito trabalho ele protegeu no texto identificando-os apenas com as iniciais. A falta do nome próprio não lhes tira, no entanto, a força de orientar o relato. O livro inicia com a fala de F.:

“Era um cachorro pequeno, de uma raça japonesa. Chamava-se Lulu e dormia na cama

do imperador. Em diversas cerimônias, escapava dos joelhos imperiais e ia urinar nos sapatos dos dignitários. Eles estavam proibidos de se mexer, de esboçar um gesto que fosse ao sentirem os pés molhados. Minha função era andar entre os dignitários, secando os sapatos. Para isso, eu usava um pequeno pano de cetim. Essa foi minha ocupação por dez anos”.

As fontes que contam atividades e situações como estas explicam a caída do Imperador: ele não foi derrubado do poder, foi seu poder que se dissolveu.

Para descrever o fim do outro imperador autoritário da era moderna, Reza Pahlevi, Kapuscinski não ouviu fontes. Em *O Sha* é a ausência de gente, o silêncio e o vazio das ruas que vão informar o que aconteceu. O começo do livro indica que é a observação de documentos, sons e imagens que terão voz na narrativa. Ele monta um quebra cabeças, na mesa do quarto do hotel, composto por “fotografias de distintos tamanhos, cassetes, filmes de oito milímetros, boletins, fotocópias, tudo amontoado, misturado como em um mercado velho, sem ordem nem orientação. Além do mais, posters, álbuns, discos e livros comprados o presenteados, toda uma documentação de um tempo que acaba de transcorrer, mas que ainda se pode ver e ouvir porque está registrado; nos filmes: ondulantes rios de gente; em uma fita cassete: lamentos em forma de orações, vozes de mando, conversações, monólogos; nas fotos: caras em estado de exaltação, de êxtase”. Esta desordem, que ocupa as cadeiras, o chão, a cama vão contar o fim do regime e o estado psicológico de um país revolucionário tomado pelo medo.

Para Albert Chillón, que estuda as relações entre jornalismo e literatura,

“Não se trata de novo jornalismo, se trata de Nova Literatura.... Por que sou um escritor? Por que arrisquei minha vida tantas vezes? Acaso para informar sobre o excêntrico? Para ganhar um salário? A minha vida não é uma vocação, é uma missão”

Kapuscinski produz um tipo de jornalismo literário inclassificável, “diferente tanto do *new journalism* como dos novos jornais europeus – ele conjuga em uma simbiose inédita as técnicas documentais próprias do jornalismo de investigação, o exercício de observação característico da crônica e a busca de uma verdade poética que transcende a simples verdade documental”.

Kapuscinski reconhece que, quando começou a escrever, novas formas de narrar estavam se desenvolvendo no ocidente colocando em cheque as fronteiras entre ficção e não ficção. O *new journalism* norte-americano foi, em sua opinião, o início desta nova literatura.

“Não vou fazer um manifesto e também não quero parecer dogmático. Mas acredito que estamos escrevendo um novo tipo de literatura. Às vezes penso que estou trabalhando sobre um campo completamente novo na literatura, em uma área que está tão “inocupada” como inexplorada”.

“Apesar de que não sabia nada sobre o *new journalism* enquanto estava na África, pude ver que ali está o início, ao liquidar as fronteiras entre a ficção e o real. Mas o novo jornalismo é, fundamentalmente, jornalismo a secas que descreve o estranho que é a América. Acredito que nós fomos além. Não se trata de novo jornalismo, se trata de Nova Literatura.... Por que sou um escritor? Por que arrisquei minha vida tantas vezes? Acaso para informar sobre o excêntrico? Para ganhar um salário? A minha vida não é uma vocação, é uma missão. Não teria passado por todos estes perigos se não estivesse seguro de que existia algo irremediavelmente importante sobre a

História, sobre nós mesmos, que me obrigava a superá-lo todo. Isto é muito mais que jornalismo”. Portanto, se o jornalismo já tem uma grande responsabilidade social, o que ele faz é ainda mais que jornalismo – é a impressão no papel de uma experiência profunda de contato humano e revelador da vida como ela é possível de ser narrada.

Outra característica que diferencia sua narrativa é a de não proporcionar ao leitor identificações precisas, ele não informa sobre as datas dos acontecimentos nem reproduz declarações ainda que seus textos estejam repletos de dados, números e estatísticas. Chillón diz que ele submete a matéria-prima documental a um tratamento que se pode definir como fabulador. “Já não é uma veracidade histórica o que ele persegue, mas uma verdade poética essencial destilada através da fabulação”.

A obra de Kapuscinski pode ser organizada em torno de dois eixos: seus livros-repórtem e seus livros de ensaios e reflexões sobre a profissão e sobre suas experiências.

Em mais de um texto ele trata das conexões entre história, tecnologia, condições de trabalho e como estas refletem no jornalismo, sempre com exemplos a partir de suas vivências.

“A revolução nos meios mais uma vez nos coloca o eterno problema de como compreender o mundo. Também nos achamos diante da pergunta do que é a história. Tradicionalmente os acontecimentos históricos, graças aos quais podíamos descobrir nossa identidade, chegavam a nós pelos relatos de nossos antepassados ou do livro e documentos. Na verdade, não havia mais que uma fonte. Agora, a pequena tela se converteu em

**“Com o tempo,
o homem
médio somente
conhecerá a
história fictícia,
produzida como
entretenimento
pela televisão”**

uma fonte alternativa da história, uma história contada pela televisão. O problema está em que, ao não ter acesso às fontes históricas autênticas e competentes, não nos fica mais que esta única versão da história, a que nos vem diretamente relatada pela tevê. Milhares de pessoas viram pela televisão cenas de massacres étnicos geralmente explicados erroneamente pelos apresentadores. Quantos destes expectadores puderam ler pelo menos um livro sobre Ruanda, sobre as muitas e complexas causas daquela tragédia? Enquanto os meios audiovisuais se multiplicam e as fontes escritas registram aumentos bem modestos, nos convertemos em receptores de uma versão fictícia dos fatos. Com o tempo, o homem médio somente conhecerá a história fictícia, produzida como entretenimento pela televisão”.

E a televisão reforça, diz ele, um lugar comum “de que ‘ver’ significa ‘saber’ e ‘compreender’”. Nas ditaduras temos a censura e nas democracias, a manipulação. Ele reconhece os sinais das transformações históricas – identifica, por exemplo, o momento em que a televisão passa a deter a hegemonia da informação. Ele estava lá: “A revolução eletrônica, esta imensa revolução que afetou a técnica e a cultura, aconteceu nas últimas décadas do século XX. E quantas coisas mudaram e que depressa. Sobretudo mudou o mundo jornalístico. Recordo a primeira conferência de chefes de estado africanos, celebrada em Addis Abeba em maio de 1963. Acudiram a ela jornalistas de todo o mundo. Éramos 200 ou 300 enviados especiais dos grandes jornais. Também estavam ali operadores de noticiários documentais cinematográficos, mas não recorde nenhuma equipe

de televisão. Todos nos conhecíamos e muitos éramos amigos. Também conhecíamos a obra de nossos colegas. Hoje me dá a impressão de que aquela foi a última assembléia de repórteres do mundo, o encerramento de uma época em que o jornalismo era considerado uma profissão magistral, uma vocação orgulhosa a que estávamos dispostos a entregar-nos de corpo e alma para toda a vida”. Depois, diz ele, tudo começou a mudar radicalmente. Recolher e redigir informações se converteu em uma ocupação de massas. E o descobrimento de que a informação é um bom negócio causou um enorme fluxo de capitais para o império dos meios. E mudaram os critérios do que é informação assim como as pessoas que trabalham neste ofício”.

Neste “momento pragmático” da história, como ele se refere ao final do século XX/início do século XXI, ele pergunta sobre o papel dos intelectuais. Interessante é a relação que ele faz com a comunicação. “O papel dos intelectuais também consistirá em não tirar os olhos dos meios de comunicação, em mostrar uma especial sensibilidade às possíveis manipulações, em vigiar como os meios selecionam e apresentam a informação. Seu importante papel consistirá em falar daquilo de que não se fala, em sublinhar o marginalizado, em chamar a atenção sobre aqueles aspectos da realidade que não tem nenhuma possibilidade de converte-se em tema-estrela de produções cinematográficas destinadas ao consumo das massas, sobre aqueles problemas que nem com calçadeira se pode enfiar no estreito marco da tela da televisão”.

Kapuscinski, sem dúvida, é este intelectual que não só não tira os olhos dos meios de comunicação como encontrou um modo

“Às vezes parece que o relato tem vontade própria, a vontade de ser repetido, de encontrar um ouvido, uma companhia (...) O contrário de um relato não é o silêncio ou a meditação, mas o esquecimento”

de exercer a crítica a eles, contando histórias sensíveis sobre a mesma matéria-prima dos jornais ou sobre as sobras das versões correntes. “Uma grande massa de enviados especiais começou a mover-se pelo nosso planeta em um rebanho compacto para observar-se mutuamente e evitar o perigo de ser furado pela concorrência. Assim, mesmo que no mundo possam produzir-se vários acontecimentos importantes ao mesmo tempo, os meios somente falarão daquele em torno do qual está reunido o rebanho”.

Recomendo a leitura dos textos deste jornalista que morreu aos 75 anos. Pelo menos uma reportagem. No livro *A arte da reportagem*, organizado por Igor Fuser, encontramos um belo exemplo. Escolhi apresentar Ryszard Kapuscinski através de suas palavras, chamando a atenção para o que considero que pode conquistá-los a querer ler seus livros. Com certeza é a experiência de ouvir contar uma história. “Às vezes parece que o relato tem vontade própria, a vontade de ser repetido, de encontrar um ouvido, uma companhia. Como os camelos cruzam o deserto, assim os relatos cruzam a solidão da vida, oferecendo hospitalidade ao ouvinte, ou buscando-a. O contrário de um relato não é o silêncio ou a meditação, mas o esquecimento”.

Seus livros lembram do prazer que é ouvir uma boa história.

Sobre a autora

Christa Berger, jornalista, doutora pela Eca-Usp, pós-doutorado pela Universidade Autônoma de Barcelona e professora titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, pesquisadora do CNPq.

Referências

- Kapucinski, R. *Ébano*. SP: Companhia das Letras, 2002
- *O Imperador*. SP: Companhia das Letras, 2005
- *Imperium*. SP: Companhia das Letras, 2006
- *Minhas viagens com Heródoto*. Entre a história e o jornalismo. SP: Companhia das Letras, 2006
- *El Sha. O la desmesura del poder*. Barcelona: Anagrama, 1987
- *La guerra del fútbol y otros reportajes*. Barcelona: Anagrama, 1988
- *El Emperador*. Barcelona: Anagrama, 1989
- *El Imperio*. Barcelona, Anagrama: 1994
- *Ébano*. Barcelona. Anagrama: 2000
- *Los cínicos no sirven para este oficio. Sobre el buen periodismo*. Barcelona: Anagrama. 2002
- *Lapidarium IV*. Barcelona: Anagrama, 2003
- *Los cinco sentidos del periodismo*. México: FNPI e Fondo de Cultura Economica, 2004
- Chillón, A. *Literatura y Periodismo. Una tradición de relaciones promiscuas*. Barcelona: Universidad Autonoma de Barcelona, 1999
- Fuser, Igor (org). *A arte da reportagem*. São PauloP: Scritta, 1996